



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AMANDA TAYNE LIMA DIAS

**AVALIAÇÃO DE SALA DE AULA:
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE UM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL**

BRASÍLIA - DF
2019

AMANDA TAYNE LIMA DIAS

**AVALIAÇÃO DE SALA DE AULA:
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE UM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, sob orientação do Professora Dra. Edileuza Fernandes Silva.

BRASÍLIA - DF
2019

DIAS, Amanda Tayne Lima

Avaliação de sala de aula: concepções e práticas de um professor do Ensino Fundamental /Amanda Tayne Lima DIAS; orientadora Edileuza Fernandes Silva. – Brasília, 2019.

Monografia (Graduação - Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2019.

1, I. Fernandes Silva, Edileuza, oriente. II. Título

AMANDA TAYNE LIMA DIAS

**AVALIAÇÃO DE SALA DE AULA:
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE UM PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho Final de Curso de autoria de Amanda Tayne Lima Dias, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Brasília.

Brasília-DF, 1º de Julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Edileuza Fernandes Silva - Orientadora
Universidade de Brasília - UnB

Prof.^a Dr.^a Rosana César de Arruda Fernandes
Universidade de Brasília - UnB

Prof.^a Dr.^a Paula Gomes de Oliveira
Universidade de Brasília - UnB

Prof.^a Especialista Débora Gonçalves de Bastos
Secretaria de Estado de Educação do DF - PPGE

BRASÍLIA
2019

Dedico este trabalho à minha família e amigos que me apoiaram nesta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pelo dom da vida.

Aos meus familiares, em especial minha mãe Tatiane e meu pai Armando, pelo incentivo e motivação.

Ao meu namorado Iago pela paciência e amparo diário,

Aos professores da graduação, em especial à Professora Orientadora Dra. Edileuza Fernandes Silva, pela disposição em me ajudar e contribuir com tantos aprendizados.

À Faculdade de Educação e Universidade de Brasília, pelas oportunidades de crescimento acadêmico e profissional.

“Ensinar exige compreender que a Educação é uma forma de intervenção no mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as concepções e práticas avaliativas de um docente do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal. Para isso, parte-se do pressuposto de que a avaliação de sala de aula pode contribuir para as aprendizagens dos alunos quando praticada de forma a diagnosticar e valorizar os processos educativos por eles vivenciados. A pesquisa de abordagem qualitativa foi desenvolvida por meio de estudo de caso, utilizando para levantamento dos dados: análise documental do Projeto Político-Pedagógico (PPP); entrevista semiestruturada com o professor; e observações de aulas. O Referencial Teórico se sustenta em Freitas (1995), Freitas et al. (2014), Hoffman (1993, 2005), Luckesi (2002), Morales (1998), Perrenoud (1999), Vasconcelos (2005) e Villas Boas (2008, 2017). Os resultados indicam que: as concepções dos docentes sobre a avaliação da aprendizagem interferem em suas práticas avaliativas; os instrumentos e procedimentos mais diversificados de avaliação favorecem as aprendizagens dos estudantes, se as informações obtidas por meio deles forem utilizadas com intenção formativa; há avanços nas práticas avaliativas do professor pesquisado, mesmo assim, a avaliação ainda é muito confundida com medir e classificar.

Palavras-chave: Avaliação de sala de aula. Concepções e práticas. Ensino Fundamental 1.

ABSTRACT

This study aims to analyze the conceptions and evaluative practices of a teacher of the 5th year of elementary school in a public school in the Federal District. For this, it is assumed that the evaluation of the classroom can contribute to the learning of the students when practiced in order to diagnose and value the educational processes experienced by them. The research of qualitative approach was developed through a case study, using for data collection: documentary analysis of the Political-Pedagogical Project (PPP); semi-structured interview with the teacher; and classroom observations. The theoretical framework is based on Freitas (1995), Freitas et al. (2014), Hoffman (1993, 2005), Luckesi (2002), Morales (1998), Perrenoud (1999), Vasconcelos (2005) and Villas Boas (2008, 2017). The results indicate that: the teachers' conceptions about the evaluation of learning interfere in their evaluation practices; the most diversified evaluation instruments and procedures favor student learning if the information obtained through them is used for training purposes; there are advances in the evaluative practices of the researched teacher, even so, the evaluation is still very confused with measuring and classifying.

Keywords: Classroom assessment. Conceptions and practices. Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Níveis de avaliação	21
--------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções sobre a temática	19
Quadro2 - Aplicação dos procedimentos/instrumentos	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Endipe	Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PPP	Projeto Político-Pedagógico
PROIC	Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília
RAv	Registros de Avaliação
SEEDF	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SOE	Serviço de Orientação Educacional
TFC	Trabalho Final de Curso
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
O VÍNCULO DE MINHA TRAJETÓRIA COM O TEMA PESQUISADO	14
INTRODUÇÃO	18
 CAPÍTULO 1. AVALIAÇÃO DE SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL	
1.1 Ensino Fundamental em ciclos no DF: a proposta de outra lógica avaliativa	20
1.2 Avaliação educacional: a proposta de articulação dos três níveis.....	22
1.3 Avaliação para as aprendizagens em sala de aula: as possibilidades	23
 CAPÍTULO 2. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	
2.1 A escola pesquisada	25
2.2 Os sujeitos participantes da pesquisa: professor e estudantes	26
2.3 Procedimentos/Instrumentos para levantamento dos dados	26
2.4 A observação de aula	27
2.5 Entrevista semiestruturada com o professor	27
2.6 Análise documental: Projeto Político-Pedagógico e instrumentos avaliativos	28
 CAPÍTULO 3. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS AVALIATIVAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
3.1 A avaliação de sala de aula à luz do Projeto Político-Pedagógico da escola pesquisada	30
3.2 A avaliação na perspectiva do professor	31
3.3 As práticas avaliativas observadas em sala de aula	34
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
 REFERÊNCIAS	38
ACREDITAR QUE É POSSÍVEL.....	42
[Digite aqui]	

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semiestruturada	43
APÊNDICE B – Instrumentos de Avaliação do docente pesquisado.....	44
APÊNDICE C – Questionário Perfil do docente pesquisado	47

APRESENTAÇÃO

Este é um Trabalho Final de Curso (TFC¹) apresentado à Universidade de Brasília (UnB) para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia e que investigou a Avaliação de sala de aula: concepções e práticas de um professor do Ensino Fundamental 1. Destaca-se que a pesquisa teve início no âmbito do Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (PROIC), Edital 2017/2018, importante experiência que possibilitou a iniciação científica como parte integrante de minha formação e vivências de construção profissional e pessoal.

Os resultados da primeira fase da pesquisa no PROIC têm sido compartilhados em congressos e encontros de pesquisa, como: XIX Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (Endipe), realizado na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em setembro de 2018; o 24º Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília, realizado na UnB no mês de outubro de 2018; e o 15º Congresso de Iniciação Científica do Distrito Federal realizado no mês de outubro, tendo recebido menção honrosa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Além disso, recebi o convite da Editora Atena para publicação do artigo em *e-book* em coautoria com a professora orientadora Edileuza Fernandes Silva do texto intitulado: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, com publicação em julho de 2019.

Para o TFC, as análises dos dados levantados na escola participante da pesquisa foram aprofundadas à luz de referencial teórico ampliado com vistas a dar uma contribuição para a discussão sobre a avaliação de sala de aula, que, embora muito debatida e pesquisada, ainda tem sido utilizada com intenção de classificar e medir o desempenho dos estudantes. Destaca-se a relevância deste estudo, principalmente por contemplar análise de práticas pedagógicas de professor de turma de anos iniciais do Ensino Fundamental 1 na Cidade de Ceilândia – Distrito Federal, cuja organização escolar é ciclada. O ciclo pressupõe progressão continuada das aprendizagens dos estudantes em um processo de ensino-aprendizagem e de avaliação que propõe romper com práticas conservadoras. A avaliação formativa é a que melhor se adequa ao ciclo, como veremos no decorrer deste trabalho.

Apresento no início do trabalho um memorial contando minha trajetória e a relação com o objeto pesquisado. No primeiro capítulo faço uma imersão no contexto da produção

¹ ABNT- NBR 14.724:2011

acadêmica sobre a avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o objetivo de compreender os aspectos investigados e direcionar o meu olhar de pesquisadora para outros aspectos que merecem ser analisados.

O segundo capítulo contempla o Referencial Teórico que discorre acerca das Diretrizes de Avaliação Educacional da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (2014b) e Diretrizes Pedagógicas para o 2º ciclo (2014a).

O terceiro capítulo apresenta o Percorso Metodológico da pesquisa para o levantamento dos dados, discorrendo sobre a abordagem, o tipo de pesquisa, os procedimentos e instrumento utilizados.

No quarto capítulo, analiso os dados levantados por meio de: análise documental do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola pesquisada, observação das aulas, entrevista semiestruturada com o professor pesquisado de uma unidade escolar pública do Distrito Federal, localizada na Cidade de Ceilândia.

Por fim, apresento as Considerações Finais e uma síntese da minha perspectiva profissional futura na carreira docente.

O VÍNCULO DE MINHA TRAJETÓRIA COM O TEMA PESQUISADO

Nasci em 1997, vim ao mundo trazer esperança e amor. E com essa missão vivo até hoje em busca de realizá-la todos os dias. Para entender melhor como foi o meu percurso e a relação dele com a avaliação de sala de aula será necessário conhecer alguns marcos importantes em minha vida. Embora muitas fotos e relatos possam descrever cada fase da minha vida, busco testemunhar mais ainda com lembranças e recordações vividas e sentidas por mim na educação.

Lembro-me da minha primeira escola, a Escola Tagarela. Eu gostava muito de ir à escola, tinha filmes às sextas-feiras, tinha piscina e muitas brincadeiras no parque, sim, na minha Educação Infantil as marcas que ficaram foram essas, a ludicidade e a diversão. Já no Ensino Fundamental as coisas começaram a ter outros sentidos, outras perspectivas e outras experiências.

De acordo com as falas das pessoas que acompanharam meu processo educativo nessa etapa, sempre fui muito dedicada aos estudos e procurava minha autonomia para desenvolver qualquer atividade proposta pela escola. Tirava notas altas nos anos iniciais do Ensino Fundamental na escola pública, porém tive dificuldade em aprender a ler, escrever e interpretar. Tinha muita vergonha que as pessoas descobrissem isso, então, pensava estratégias para manter o meu rendimento sempre alto.

Conheci uma colega que era muito inteligente, estudamos juntas o Ensino Fundamental 1 quase todo, tudo que ela fazia na sala de aula eu imitava e gostava de sentar ao seu lado, copiava os seus deveres de casa, os deveres de sala fazíamos juntas e chegou um certo momento que ela estava mais avançada e eu já não conseguia mais acompanhá-la, foi quando nos trocaram de turma no 5º ano do Ensino Fundamental 1.

Sofrimento era a palavra que definiu esse momento na minha vida, me senti sozinha, perdida, sem ninguém para me ajudar e então decidi estudar de verdade, buscar ajuda e sempre tirar minhas dúvidas em sala de aula. Não gostava de muito contato com meus professores, sempre fui objetiva com eles e só conversava o necessário com os mesmos. Ainda nesta etapa, fui muito elogiada pelos professores, pelos colegas e passei a me sentir como uma aluna dedicada e esforçada. Participava das aulas com tanta vontade que ir à escola tornou-se uma alegria para a vida, era de lá que buscava inspirações para brincadeiras de escolinha em casa, meus professores eram espelhos de como eu dava aula para os meus vizinhos e irmãos. Essas experiências começaram a despertar o meu interesse pelo magistério.

Certo dia, meus pais compraram um quadro negro e me deram de presente no dia do meu aniversário de 7 anos, pregaram na parede do meu quarto e lá era minha sala de aula, o lugar que eu mais gostava de brincar, de estudar e de reproduzir tudo que era ensinado na escola. Eles já haviam percebido o talento e o gosto pela docência que eu tinha.

Chegou então uma fase na minha vida em que tive a oportunidade de estudar em uma escola particular, consegui uma bolsa integral para cursar meu Ensino Médio e ter uma preparação melhor para prestar vestibular. Foi quando tive um grande impacto com a realidade escolar. Não tinha noção do quanto era diferente o sistema de ensino privado em relação ao público. Nos primeiros bimestres não conseguia acompanhar os estudantes, meu rendimento estava caindo muito, não conseguia estudar, porque passei a qualificar meu rendimento a partir das notas das atividades avaliativas, consideradas boas ou não. Desconhecia a proposta avaliativa da escola, pautada em provas globais, testes e estudos dirigidos, cuja função era classificar e medir as aprendizagens dos estudantes.

Identifiquei minha necessidade de auxílio nessa adaptação, procurei a orientação educacional e obtive poucos resultados, pois deixaram evidente que só dependia de mim. Quando o aluno se assume como único e principal responsável pelo processo e não considera a parceria com o trabalho pedagógico do professor, as avaliações não contribuem formativamente para as aprendizagens de ambos (VILLAS BOAS, 2017). Nesse sentido, eu que deveria estudar para acompanhar o ritmo da escola. Montei planos de estudos semanais, próximo as provas eu abria mão de tudo para estudar e assim alcançar as metas. Com muito esforço e dedicação eu alcançava as médias para ser aprovada, mas nunca era o suficiente para alcançar os alunos de destaque. O aluno só era considerado melhor quando atribuído a ele maiores notas, e pouco importava o que realmente esse aluno aprendia e construía ao longo do bimestre, sendo assim, a avaliação com finalidade de classificação contribuía para fomentar a competição não saudável entre os alunos.

Desde então, percebi que para a escola não era necessário considerar o processo do aluno e sim os resultados alcançados nas provas. A interferência desses aspectos na escolha do meu curso teve muita relevância, pois sempre questioneei os impactos da avaliação na construção do conhecimento, na vida do educando, e se só a prova pode avaliar os estudantes; o que representam os erros dos alunos? Aonde está a preocupação do professor em sala de aula com as aprendizagens de todos?

Iniciei minha preparação para o vestibular no Programa de Avaliação Seriada (PAS) da UnB em 2011 e até então eu não entendia muito bem a importância de estudar em uma universidade pública. Entendia que não pagava mensalidades e precisava fazer várias provas

[Digite aqui]

para conseguir uma vaga. Os estudantes da escola particular na qual eu estudava eram muito focados em passar na UnB, estudavam muito e só comentavam sobre os cursos mais concorridos, assim, os professores também, motivavam a todos a estudar. A finalidade do Ensino Médio estava em alcançar a aprovação na Universidade, os exercícios, provas, projetos e olimpíadas contemplavam essa preparação.

Meus pais não tinham condições de pagar cursinho pré-vestibular para mim e como eu estudava o dia inteiro não tinha como trabalhar para pagar. Tive que usufruir dos recursos que a escola oferecia e buscava aulas *online* gratuitas para estudar. A preparação foi um processo árduo e difícil, passei por muitas dificuldades de aprendizagens, mas mesmo assim eu não desisti. Minhas notas nas duas primeiras etapas do PAS-UnB não foram as melhores, comparadas à média da escola, então comecei a me preocupar com minha aprovação, pensava em fazer Psicologia por conta das críticas que o curso de Pedagogia tinha, mas quando chegou o momento de escolha na inscrição da terceira etapa do PAS-UnB, tive que escolher o que era mais provável de eu ser aprovada, Pedagogia, pois eu não teria condições para pagar uma universidade particular e nem mesmo meus pais.

Abri mão de tudo para ingressar na UnB e cursar Pedagogia. Foi quando começou minha formação profissional em educação. O próprio ambiente acadêmico possibilitou mudanças na minha forma de ver e entender o mundo, confesso que vivenciei diversos momentos de conflito pessoal para tentar desconstruir conceitos enraizados na minha formação desde a Educação Básica, refiro-me a compreensão de sociedade, de cultura, de pessoa, de profissão na educação brasileira. Durante esses quatro anos de curso aproveitei todas as aprendizagens construídas para me formar humanamente na profissão docente.

A Universidade é um espaço em que o estudante tem oportunidades de ampliar seus estudos para além do currículo do curso. Considerando isso como fator indispensável na minha formação, busquei atrelar meus conhecimentos teóricos aos conhecimentos que eu precisava ter na prática, realizei dois estágios: obrigatório e não-obrigatório. O estágio obrigatório foi realizado em uma escola pública com acompanhamento e orientações da Professora Edileuza Fernandes e o não-obrigatório foi realizado em escolas da rede privada de ensino com remuneração pela empresa. Foram experiências incríveis, porque tive respostas a inúmeros questionamentos sobre os métodos de ensino, sobre as interferências das estruturas das escolas na vida educativa do estudante, a formação dos professores regentes, o planejamento pedagógico, a coordenação pedagógica e gestão escolar, mas o que eu considero como mais relevante foi poder vivenciar os dois pólos de educação que existem no Distrito Federal, que é a precariedade do ensino público e a valorização do ensino privado pelas classes com alto poder

[Digite aqui]

aquisitivo. Vi também que na rede pública há muitas experiências exitosas e trabalhos que merecem ser valorizados.

Durante esse percurso na Universidade tive também a oportunidade de participar do PROIC. Durante um ano fui orientada pela professora Edileuza a desenvolver uma pesquisa sobre a Avaliação em sala de aula no Ensino Fundamental. Essa pesquisa teve relevância por abordar a temática que repercutiu durante toda a minha formação docente. Me ajudou a compreender a importância da pesquisa e da avaliação para a sociedade, e poder retribuir com reflexões teóricas e práticas para ampliar as discussões e debates nos meios acadêmicos e profissionais.

Eu sou extremamente grata pela ampliada formação que tive na Educação Superior até o presente momento e principalmente por abraçar essas oportunidades que a UnB me possibilitou ao longo do curso. Sou professora e escolhi o magistério por acreditar que a Educação de qualidade é um direito de todos.

INTRODUÇÃO

A avaliação de sala de aula possibilita uma discussão necessária no cotidiano da escola e da sala de aula, pois o lugar que a avaliação tem ocupado na atividade pedagógica a coloca no topo das atenções de estudantes e professores (FREITAS et al., 2014). A influência da avaliação formativa no trabalho pedagógico e na avaliação de sala de aula é um exemplo do lugar que essa categoria ocupa no contexto educacional.

O cenário brasileiro demonstra que precisamos avançar muito. Avançar em relação ao acesso e permanência, ainda, pois muitos jovens estão fora da escola; avançar em relação ao direito de aprender, pois muitos estão na escola e não possuem a garantia de aprendizado, outros estão ficando no percurso, por meio da reprovação. O Censo Escolar 2017 (fonte site da SEEDF), nos mostra que no 5º ano do Ensino Fundamental, na rede pública, foram reprovados 2.181 estudantes (7,18%); mas, a taxa de distorção idade/série, no 5º ano equivale a 6.773 (22,16%).

A avaliação é voltada para o desenvolvimento do professor e do aluno. Porém, identificar se é formativa ou somativa, e se prioriza o processo ou o resultado, não é suficiente para compreender sua complexidade. A avaliação da aprendizagem é articulada com os objetivos, conteúdos, métodos, relação professor-aluno e categorias do trabalho pedagógico. É preciso considerar que a avaliação tem relação com a vida das pessoas, podendo impactá-las no futuro. Importante considerar que o tema da avaliação é complexo para o professor e que requer uma análise mais aprofundada por meio de pesquisas e de processos de formação continuada.

A avaliação praticada pelo professor expressa suas concepções de ensino, de aprendizagem, de escola e de cidadão que se quer formar. Nesse sentido, estudos sobre avaliação de sala de aula perpassam por aspectos que orientam essa prática, como a intencionalidade formativa de avaliar o desempenho dos estudantes em seu processo de aprendizagem, gerando *feedback* ao favorecer o replanejamento do trabalho pedagógico do professor (VILLAS BOAS, 2008).

A avaliação atinge os professores e os alunos e deve ser discutida no ambiente escolar e na sala de aula. Todos possuem papel importante ao desenvolvê-la, por isso, o interesse pelo tema surgiu com a necessidade de compreender concepções e práticas avaliativas de professores e seus reflexos nas aprendizagens dos estudantes. Para isso, inicialmente, foi realizada pesquisa em Banco de Dados como portal de periódicos da CAPES e bibliotecas digitais de

Universidades², nos meses agosto e setembro de 2017, para conhecer estudos sobre concepções e práticas de avaliação da aprendizagem que têm relação com o objeto desta pesquisa.

Quadro 1 - Produções sobre a temática

TÍTULO	PESQUISADOR (A)	ANO
Os desafios da avaliação da aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental.	Andréia Gonçalves Universidade Estadual de Londrina	2010
Avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental.	Wanessa Fedrigo Camargo Universidade Estadual de Londrina	2010
Avaliação Formativa: contribuições para a aprendizagem do aluno e elaboração do registro avaliativo.	Mirian Lima Lopes Universidade de Brasília	2015
Avaliação da aprendizagem para além de provas e testes.	Luciene da Silva Faculdade Nossa Senhora Aparecida	2014

Fonte: A autora.

Estes estudos discutem a avaliação da aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as concepções de avaliação de professores, as contribuições da avaliação formativa para o acompanhamento da aprendizagem e a importância do ato de avaliar a aprendizagem. Os resultados desses estudos demonstram que a avaliação ainda é um desafio para os professores, para os estudantes e para a comunidade envolvida nos processos educacionais. Diante disso, constatou-se a necessidade de ampliar a discussão acerca das concepções e práticas avaliativas. Para isso definiu-se como objetivo geral:

- Analisar as concepções e práticas avaliativas de um docente do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal.

E como objetivos específicos:

- Compreender a concepção de avaliação retratada no Projeto Político-Pedagógico de uma escola pública da cidade de Ceilândia.
- Discutir as concepções de avaliação de um docente do 5º ano do Ensino Fundamental 1 (EF1) de uma escola pública da cidade de Ceilândia.
- Refletir sobre as práticas avaliativas do docente (procedimentos e instrumentos).

Tomando como referência esses objetivos, no próximo capítulo, o Referencial Teórico, será discutido, com base em alguns autores, a avaliação de sala de aula.

² Universidade Estadual de Londrina, Universidade de Brasília e Faculdade Nossa Senhora Aparecida

1 AVALIAÇÃO DE SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL

O objetivo deste capítulo é discutir a avaliação de sala de aula voltada para as aprendizagens dos estudantes do Ensino Fundamental – anos iniciais. Inicialmente, situaremos a proposta da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal para a avaliação nesta etapa da Educação Básica.

1.1 Ensino Fundamental em ciclos no DF: a proposta de outra lógica avaliativa

Respalhada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96 em seu artigo 24, a organização escolar em Ciclos do Distrito Federal tem como objetivo possibilitar aos estudantes que permaneçam na escola de maneira exitosa, aprendendo continuamente em um processo formativo voltado para o desenvolvimento integral. O ciclo adota como princípio o respeito aos diferentes ritmos de aprendizagens (DISTRITO FEDERAL, 2014a). E, com a perspectiva de que os estudantes possam aprender com mais qualidade dispondo do tempo necessário, na organização escolar em ciclos, são propostas alternativas pedagógicas para superar o trabalho escolar fragmentado. Os reagrupamentos e projetos interventivos são algumas delas, e devem ser acompanhados e avaliados em uma lógica formativa.

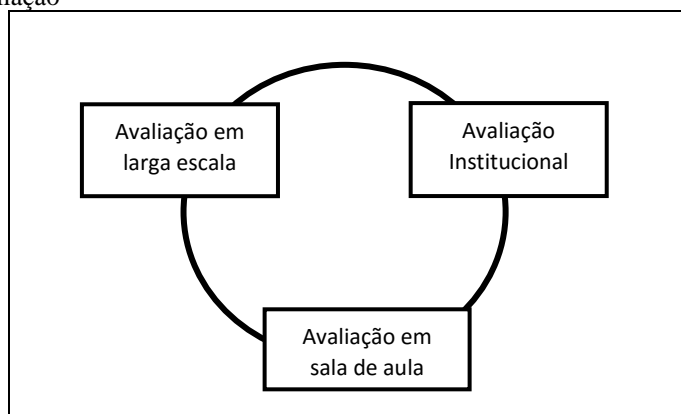
No ano de 2014 a Subsecretaria de Educação Básica/SEEDF elaborou as Diretrizes Pedagógicas para Organização Escolar do 2º Ciclo para as Aprendizagens: BIA e 2º Bloco, que apresentam como fundamentos importantes para a organização dos ciclos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a articulação dos três níveis da avaliação: de sala de aula; institucional e em larga escala. Os três níveis de avaliação devem ser considerados na organização do trabalho pedagógico da escola. Os dados fornecidos pela avaliação de sala de aula e os advindos da avaliação em larga escala, devem ser discutidos coletivamente na avaliação institucional, para se buscar a qualidade social da escola (Idem, 2014a).

As Diretrizes de Avaliação Educacional do Distrito Federal foram pensadas e elaboradas para

organizar e envolver – de maneira articulada – os três níveis de avaliação: aprendizagem, institucional e em larga escala (ou de redes), tendo a função formativa como indutora dos processos que atravessam esses três níveis por comprometer-se com a garantia das aprendizagens de todos. (DISTRITO FEDERAL, 2014a, p. 9-10)

Ao propor a discussão da avaliação nos três níveis, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) destaca a importância do caminho dialético entre a avaliação institucional e da avaliação de sala de aula na escola em articulação com a avaliação em larga escala, tendo como preocupação maior as aprendizagens dos estudantes em um processo de progressão continuada. Para Freitas et al. (2014), compreender a avaliação de sala de aula requer conhecer os níveis em que ela aparece no contexto escolar. A figura abaixo, ilustra o movimento de articulação entre os níveis no processo educativo que, se bem discutidos e compreendidos, podem influenciar positivamente o trabalho da escola e do professor em sala de aula.

Figura 1: Níveis de avaliação



Fonte: Quadro 4 extraído de (FREITAS et al., 2014, p. 10).

A função formativa da avaliação em seus três níveis se destaca e deve ser compreendida pelo seu papel democrático nas análises dos fatores que levam os estudantes à evasão escolar, à retenção, e às interferências dos exames externos para ranquear os estudantes e escolas, no sentido de se buscar a superação desses fatores que têm contribuído para a exclusão de estudantes dos grupos sociais populares da escola básica. Como prática transformadora, a avaliação formativa deve ser compreendida para além da definição de instrumentos e procedimentos avaliativos. O que vai caracterizá-la como formativa, é a intenção do avaliador que orienta as práticas docentes e indicará se é formativa ou classificatória. (VILLAS BOAS, 2017).

Para a efetivação do proposto nas Diretrizes Avaliativas da SEEDF, é necessário investimento na formação continuada dos profissionais da educação, para que possam compreender que avaliar é mais do que fazer notação. É a formação que possibilita aos docentes os fundamentos teóricos para se pensar critérios para avaliar, refletir sobre suas práticas e condução para um olhar inclusivo, potencializador no sentido de se garantir o direito das aprendizagens na organização escolar do 2º Ciclo (DISTRITO FEDERAL, 2014a).

Assim, pensar outra organização escolar requer mudanças nas formas como se pensa e se realiza a avaliação (VILLAS BOAS, 2017). Pensar a avaliação é considerar as teorias que tratam da aprendizagem e do desenvolvimento humano, que resguardam a heterogeneidade de tempos, espaços e modo de aprender. (Idem, 2014a).

1.2 Avaliação educacional: a proposta de articulação dos três níveis

A avaliação em larga escala possui prevalência nos instrumentos para avaliar o desempenho dos sistemas em nível estadual e municipal com o objetivo de reorientar as políticas públicas, podendo também avaliar as unidades escolares e os professores.

Há indícios de que os resultados das avaliações em larga escala (Prova Brasil, Provinha Brasil, Avaliação Nacional de Alfabetização - ANA) estejam repercutindo nas práticas dos professores do EF 1, oferecendo informações para replanejamento ou interferindo na seleção de conteúdos que serão privilegiados na formação dos estudantes, como veremos no decorrer deste trabalho. Por isso, se discute a necessidade do uso adequado das informações dessas avaliações para o trabalho do professor, para que ele possa avançar em práticas avaliativas formativas na escola e na sala de aula.

Ao ter suas práticas avaliativas determinadas externamente, o professor perde sua autonomia pedagógica e acaba focando o avaliar na aplicação de instrumentos e procedimentos com a preocupação em “preparar” os alunos para os testes. Diante disso, é preciso que o professor tenha clareza acerca de quais são os objetivos da escola, dos conhecimentos a serem trabalhados e dos métodos que melhor atendem à diversidade de alunos e que as avaliações externas têm objetivos diferentes da avaliação de sala de aula.

A Avaliação Institucional permite ao coletivo das escolas e aos gestores localizarem seus problemas, suas contradições visando melhorias ou superação (FREITAS et al., 2014) na unidade escolar. Quando a escola se organiza para avaliar seus serviços prestados e seus objetivos contidos na função social, está, portanto, realizando a avaliação do seu próprio

trabalho (DISTRITO FEDERAL, 2014b), o que é muito relevante em uma escola em ciclos que assume o desafio de outra forma de organização.

Ao articular os três níveis de avaliação na escola, seus profissionais demonstram compreender a avaliação como processo que engloba todas as atividades desenvolvidas pelos professores e seus alunos, com o intuito de fornecer informações a serem usadas para reorganizar o trabalho docente e para que os estudantes acompanhem o processo de aprendizagem (VILLAS BOAS, 2008).

No tópico seguinte discute-se a avaliação de sala de aula, objeto de estudo nesta pesquisa.

1.3 Avaliação para as aprendizagens em sala de aula: as possibilidades

A avaliação é a reflexão transformada em ação, não podendo ser estática, nem ter caráter sensitivo e classificatório (HOFFMANN, 1993). Portanto, o processo de avaliação não pode ser reduzido à questão da classificação ou mal desempenho do aluno (FREITAS et al., 2014), é muito mais um campo de forças aberto a contradições que necessitam ser enfrentadas por estudantes e professores, como afirma Freitas et al. (2014).

Para Luckesi (2002, p.81), a avaliação de sala de aula:

[...] deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. Se é importante aprender aquilo que se ensina na escola, a função da avaliação será possibilitar ao educador condições de compreensão do estágio em que o aluno se encontra [...]

Nesse sentido, avaliar é uma constante reflexão do docente preocupado com o estágio de aprendizagem do aluno. A avaliação assume a função formativa quando

[...]considera o processo pelo qual são analisados continuamente todas as atividades em desenvolvimento e as desenvolvidas pelos estudantes, para que eles e os professores identifiquem o que já foi aprendido e o que falta ser aprendido, a fim de que se providenciem os meios para que todos avancem sem interrupções [...] (VILLAS BOAS, 2017, p. 157).

Assim, a avaliação formativa possibilita a participação dos estudantes no processo de aprendizagem e no trabalho pedagógico do professor, desafia todos a trabalhar mais, requer

planejamento, retornos constantes, diálogos produtivos, é aquela que lida com a afetividade na medida em que avaliar é preocupar-se com o outro. (DISTRITO FEDERAL, 2014b).

No Distrito Federal, os professores do EF 1 usam os Registros de Avaliação (RAv) e os registros do Conselho de Classe para explicitar e acompanhar o rendimento dos estudantes no processo de aprendizagem, orientados pelas Diretrizes de Avaliação Educacional (DISTRITO FEDERAL, 2014b). Os registros descritivos dos desempenhos dos estudantes devem ser utilizados pelo professor para subsidiar o planejamento de ações didáticas interventivas, com vistas a atender às necessidades específicas de aprendizagem. Para isso, o professor pode planejar estratégias como reagrupamentos e projetos interventivos.

Nos anos iniciais, etapa em que se realizou esta pesquisa, não há exigência de atribuição de notas, menções ou conceitos. Portanto, a preocupação com notação e mensuração dos rendimentos para quantificar as aprendizagens dos estudantes não se justifica institucionalmente. Mesmo assim, a preocupação com notas ainda está presente no meio escolar e social, resquício das experiências avaliativas vivenciadas pelos professores e também das representações dos estudantes e famílias acerca do que seja avaliar.

No EF1, os procedimentos e instrumentos que melhor se adequam ao processo formativo dos estudantes são: atividades em grupos, dramatizações, leituras, diário de bordo, jogos, portfólios, entre outros. Além disso, o professor dessa etapa deve considerar os três importantes componentes da avaliação formativa: a avaliação informal, a avaliação por colegas e a autoavaliação (VILLAS BOAS, 2008).

A avaliação informal também é muito presente nas salas de aula do EF 1, pois os professores possuem um contato longo e duradouro com as crianças, e essa avaliação ocorre o tempo todo, podendo contribuir para interações favoráveis às aprendizagens. Diante disso, quando o professor realiza avaliações formais por meio de provas, exercícios escritos, relatórios, entre outros, a avaliação informal atua e interfere, podendo ser de forma encorajadora ou desencorajadora (VILLAS BOAS, 2008).

Avaliar informalmente e de forma encorajadora é assumir um olhar mais acolhedor e atencioso em sala de aula. O professor recorre a gestos, olhares e expressões verbais que incentivem o estudante e tem o diálogo como aliado.

A avaliação por colegas é entendida como um procedimento em que estudantes são preparados pelo professor para que seus argumentos avaliativos apontem os aspectos positivos das produções dos colegas e ofereçam sugestões para sua melhoria, favorecendo as aprendizagens (VILLAS BOAS, 2017). E a autoavaliação como outro procedimento avaliativo

refere-se a um processo de aprendizagem, pelo qual o estudante toma conhecimento de como andam suas aprendizagens (HOFFMANN, 2005).

Essas práticas avaliativas têm sido pouco utilizadas nas salas de aulas, talvez por ser o ato de avaliar ainda focado no estudante tendo o professor como principal avaliador. A autoavaliação, quando utilizada, acaba enfatizando a atribuição de pontos e notas ao comportamento dos alunos. Segundo Villas Boas (2017, p. 170), a autoavaliação não pode se confundir com autonotação, deve possibilitar o desenvolvimento dos processos mentais que levarão os estudantes a refletir sobre suas aprendizagens.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Esta pesquisa de abordagem qualitativa teve como objetivo: “analisar as concepções e práticas avaliativas de um docente do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal” e foi desenvolvida por meio de Estudo de Caso simples que consiste em buscar retratar a realidade de forma completa e profunda. O pesquisador recorre a uma variedade de dados, coletados em diferentes momentos e em situações diferenciadas (LUDCKE; ANDRÉ, 1986), na realidade pesquisada.

Participou da pesquisa 1 professor atuante no quinto ano do Ensino Fundamental 1. Para levantamento dos dados, foram utilizados: a) questionário para caracterizar o professor; b) observação de 20 horas de aulas; c) entrevista semiestruturada com o professor participante da pesquisa; d) leitura do Projeto Político Pedagógico da escola também foi realizada e oportunizou apreender a forma como a avaliação é nele retratada.

2.1 A escola pesquisada

A Escola Classe Jabuti³, de natureza pública, é vinculada à Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal e é localizada na Cidade de Ceilândia, Distrito Federal. A comunidade escolar, em sua maioria, são trabalhadores da iniciativa privada, autônomos e funcionários públicos, compondo uma população de classe média-baixa.

O perfil da comunidade é de médio poder aquisitivo, pois a maioria das crianças possuem suas necessidades básicas atendidas e as famílias se esforçam financeiramente para

³A denominação da escola é fictícia para preservar a sua identidade, compromisso da pesquisadora com os sujeitos participantes.

melhor atendê-las em relação a: alimentação, higiene e lazer. Em alguns casos pontuais a escola promove ações em parceria com o Serviço de Orientação Educacional (SOE) e outros órgãos governamentais para melhor assistir a criança que necessita de uma atenção diferenciada quanto aos aspectos emocionais e assistência básica.

A escola conta com 39 turmas divididas nos turnos matutino e vespertino, sendo quatro turmas de 1º período da Educação Infantil, quatro turmas de 2º período da Educação Infantil, cinco turmas de 1º ano, cinco turmas de 2º ano, seis turmas de 3º ano, sete turmas de 4º ano e cinco turmas de 5º ano. Atualmente, conta com 41 Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (ENEE), classificados de acordo com a estratégia de matrícula vigente entre deficiências, síndromes, transtorno global, ou transtornos funcionais específicos, os quais estão inclusos em 12 turmas de integração inversa, oito classes comuns inclusivas e três classes especiais.

O corpo docente é formado por 42 profissionais, sendo a maioria mulheres, todos com formação acadêmica superior, sendo que 72% possuem especialização *lato sensu*, correspondendo a 30 profissionais com especialização acadêmica. A maioria dos profissionais recebem as atualizações dos conhecimentos pedagógicos proporcionados em espaços de Coordenação Pedagógica, e equipes de apoio com boa receptividade, principalmente no que tange ao Currículo em Movimento, aos Ciclos dentro da Educação Básica, aos processos avaliativos e elaboração de relatórios descritivos, entre outros conhecimentos, com o objetivo de promover o sucesso escolar do estudante (DISTRITO FEDERAL, 2018).

2.2 O participante da pesquisa: professor

O professor participante da pesquisa é do sexo masculino, tem 33 anos de idade e é formado em Pedagogia em uma instituição privada de Ensino Superior. Ele é concursado e tem quatro anos de carreira docente. Nesse período exerceu a função de coordenador pedagógico e docência em turmas dos anos iniciais do EF. Trabalha há 11 meses no 5º ano na escola, mas já trabalhou com turma de 4º ano, ele reside na Ceilândia e conhece o perfil que a sociedade local possui.

A turma do professor era composta por 32 estudantes do 5º ano do EF⁴, sendo 21 meninos e 11 meninas. A faixa etária dos estudantes é de nove a dez anos de idade com a exceção de dois alunos com 11 e 13 anos. Os discentes são oriundos da classe média-baixa,

⁴Ensino Fundamental 1, engloba turmas de alfabetização Bloco 1 (1º, 2º e 3º anos) e Bloco 2 (4º e 5º anos)

cujas famílias são constituídas por pais trabalhadores que, de um modo geral, se preocupam com a educação dos filhos, porém, há casos pontuais em que há necessidade da intervenção da equipe de apoio da escola e do próprio professor.

2.3 Procedimentos/Instrumentos para levantamento dos dados

A aplicação dos procedimentos/instrumentos ocorreu conforme exposto no Quadro 2.

Quadro 2: Aplicação dos procedimentos/instrumentos

PROCEDIMENTO/ INSTRUMENTO	24/09/2017	09/10/2017	25/10/2017	30/10/2017	09/11/2017	TOTAL
Observação de aulas	X	X	X	X		20 horas
Questionário do perfil docente	X					
Entrevista semiestruturada				X	X	22 min.
Análise documental (PPP e instrumentos avaliativos)	X	X	X	X	X	

Fonte: A autora.

2.4A observação de aula

Para viabilizar a observação de aulas, foi necessário apresentar o projeto de pesquisa à equipe gestora da escola para aprovação e autorização. De acordo com a disponibilidade da pesquisadora juntamente com a equipe gestora, foi organizado um cronograma de vinte horas distribuídas em quatro dias para a observação na sala de aula do professor pesquisado.

As observações ocorreram no período matutino, horário de aula do docente. A escolha pelo procedimento considerou as possibilidades que são oferecidas ao pesquisador para identificar e obter evidências das práticas pedagógicas, pois não consiste apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar, como afirma Lakatos (1991). Por isso, analisar as práticas do docente, o seu trabalho pedagógico no dia a dia e como acontecem as avaliações formais ou informais contribuiu para melhor compreensão da realidade observada.

Foram observadas diferentes aulas, e ao longo das observações o professor pesquisado demonstrou confiança na execução do seu planejamento. Inicialmente, devido a turma demonstrar curiosidade e, algumas vezes, desatenção em relação à aula para perguntar o que a

[Digite aqui]

pesquisadora estava anotando ou o motivo dela estar, foi apresentado a eles o objetivo da pesquisa e como se desenvolveria, solicitando a eles auxílio e compreensão no processo.

Destaca-se momentos importantes observados, como a preparação para a Prova Brasil⁵ por meio de um simulado, elaborado pela equipe de coordenadores pedagógicos e pelos professores do 5º ano, as aulas de revisão e correção de avaliações formais.

2.5 Entrevista semiestruturada com o professor

A entrevista, como procedimento utilizado na investigação social mediante uma conversação de natureza profissional (LAKATOS, 1991), foi orientada por um roteiro de questões sobre os processos de planejamento e avaliação do professor, após um grau de familiaridade conquistado pelas observações e conversas informais entre docente pesquisadora. O roteiro continha onze perguntas estruturadas e relacionadas com a temática da pesquisa. A escolha da entrevista se constituiu como a oportunidade mais abrangente para perceber atitudes e condutas, além de levantar informações mais precisas sobre a avaliação praticada em sala de aula.

O ambiente para a realização da entrevista foi escolhido e disponibilizado pela equipe de coordenadores pedagógicos da escola, que havia sido comunicada sobre essa obtenção de informações do entrevistado anteriormente. O encontro foi marcado no período contrário de regência do professor, pois esse procedimento demanda condições favoráveis para estimular, levar o entrevistado a ficar à vontade e agir naturalmente sem constrangimentos (Idem). A escola estava em horários de aula nas salas, então o barulho não interferiu na qualidade da gravação. As respostas foram registradas com o uso do recurso de gravação de áudio⁶.

2.6 Análise documental: Projeto Político-Pedagógico e instrumentos avaliativos

Durante a pesquisa na escola, o Projeto Político-Pedagógico estava em reformulação. A nova equipe gestora identificou a necessidade de mudanças para o ano de 2017. Com isso, foi possível acompanhar alguns momentos de elaboração do documento, analisando as concepções avaliativas nele retratadas. Após a elaboração, foi disponibilizada a versão completa para aprofundamento e levantamento dos dados, que ocorreu ao longo da pesquisa.

⁵Instrumento de avaliação para diagnóstico, em larga escala, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC).

⁶Autorizado pelo entrevistado.

Outros documentos foram analisados. Os instrumentos avaliativos disponibilizados pelo professor foram: o simulado de preparação para a Prova Brasil (Apêndice B) e uma sistematização dos conteúdos da atividade avaliativa realizada pelos estudantes (Apêndice C). Esses documentos contribuíram para a compreensão de como são elaboradas as atividades para avaliar as aprendizagens, como é organizado e valorizado o processo de construção do conhecimento em sala de aula.

Com as observações e a entrevista semiestruturada, foi possível aproximar os dados de ambos com a análise dos instrumentos planejados pelo docente para avaliar os alunos.

No capítulo seguinte, serão analisados os dados em um esforço para articular o Referencial Teórico aos dados levantados por meio dos procedimentos e instrumentos descritos neste capítulo metodológico.

3 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS AVALIATIVAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste capítulo serão analisados os dados levantados a partir da leitura do PPP da escola, da entrevista semiestruturada com o professor, da observação de 20 horas de aulas e dos instrumentos utilizados pelo professor (Apêndices B e C). Iniciaremos apresentando como a avaliação da aprendizagem é retratada no PPP.

3.1 A avaliação de sala de aula à luz do Projeto Político-Pedagógico da escola pesquisada

Da leitura do PPP da escola Jabuti foi possível apreender que a instituição anuncia trabalhar com a avaliação formativa e que há intenções em usar a avaliação diagnóstica para orientar o trabalho pedagógico da escola e de sala de aula. A avaliação formativa é perspectiva teórica assumida pelo professor participante da pesquisa, como veremos na análise da entrevista e de situações observadas em sala de aula. No PPP da escola, a avaliação da aprendizagem é apresentada como:

[...] avaliação com função formativa que compreende a avaliação de um processo contínuo conforme a legislação vigente, onde será respeitado o desenvolvimento integral do aluno, considerar o seu crescimento individual, suas necessidades e potencialidades (PPP, 2017, p. 27).

A avaliação com função formativa registrada no PPP da escola remete ao processo que Perrenoud (1999, p.173) define como a prática que:

[...]ajuda o aluno aprender e o professor a ensinar. A ideia base é bastante simples: a aprendizagem nunca é linear, procedem por ensaios, tentativas, erros, hipóteses, recuos e avanços: um indivíduo aprenderá melhor se o seu meio envolvente for capaz de lhe dar respostas e regulações sob diversas formas [...]

É a avaliação que valoriza a participação do estudante respeitando seu ritmo de aprendizagens e que exige do professor a providência de condições pedagógicas favoráveis ao desenvolvimento, que nunca é linear.

Foi possível identificar na leitura do PPP que a escola também convive com resultados das avaliações externas, como: Provinha Brasil, ANA e Prova Brasil, que envolvem em sua aplicação os próprios professores. A escola registra que os resultados obtidos nessas avaliações podem subsidiar o replanejamento do trabalho pedagógico da escola (PPP, 2017).

[Digite aqui]

Nesse sentido, foi observada a realização da Prova Brasil na escola. Em uma conversa com o professor, ele explicou que essa avaliação é de larga escala, todos os 5º anos das escolas públicas fazem também. Para ele, essa avaliação resulta em um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Ao constar no PPP o replanejamento do trabalho pedagógico a partir dos resultados das avaliações externas, é possível que se esteja avançando na compreensão de que essas não são apenas medições do desenvolvimento cognitivo do aluno, mas podem ser aliadas no seu desenvolvimento global (FREITAS et al., 2014, p. 61), dos professores e da escola.

As avaliações externas, são instrumentos de acompanhamento global de redes de ensino, com o objetivo de traçar séries históricas do desempenho dos sistemas, para reorientar as políticas públicas (FREITAS et al., 2014, p. 47).

Para ampliar a discussão sobre a avaliação a partir dessas referências do PPP, no tópico seguinte o professor participante da pesquisa será ouvido.

3.2 A avaliação na perspectiva do professor

Acredita-se que concepção de avaliação de sala de aula, expressa pelo professor participante da pesquisa, interfere nas suas práticas avaliativas. Ao professor foi perguntado o que é avaliar e obteve-se como resposta que é:

[...], **observar** como está o aproveitamento da criança durante o processo de ensino-aprendizagem. Passa a princípio de uma **avaliação diagnóstica** em que eu vou averiguar o que **ele já sabe** em relação a determinado conteúdo e o **que ele não** sabe e, a partir daí, definir estratégias para poder desenvolver o trabalho [...]. (Professor 5º ano) [Grifos da pesquisadora]

Para o professor, avaliar consiste em observar para diagnosticar o desempenho dos estudantes, interessa o que aluno sabe e o que ainda não sabe. Para ele, a avaliação está voltada para a aprendizagem do estudante e oferece informações ao estudante, à família e ao professor, a fim de replanejar o seu trabalho pedagógico, caracterizando a avaliação como *feedback*. (VILLAS BOAS, 2008)

Villas Boas (2017) destaca que o professor é quem sabe o que os estudantes precisam aprender; é ele quem é capaz de reconhecer e descrever o desempenho desejável, ou ainda para ser melhorado. Esse processo, que é conceituado como *feedback*, diz respeito à informação, ao próprio estudante, sobre suas aprendizagens. A avaliação formativa requer o uso constante do *feedback*.

[Digite aqui]

O professor também foi questionado acerca dos procedimentos e instrumentos que utiliza para avaliar os estudantes, sendo os indicados: a observação diária; trabalho em grupo; diário de bordo; autoavaliação; e participação em sala de aula.

Foi possível identificar o uso desses instrumentos e procedimentos pelo professor nas observações feitas em sala de aula, como na aula em que foi passado um trabalho de grupo e houve o questionamento sobre como estava o andamento do trabalho em grupo. Para compor os grupos, os alunos assumiram independência na escolha dos membros, na divisão das tarefas e na definição da função de cada um. Além disso, diário de bordo, foi utilizado como um procedimento de autoavaliação na construção do trabalho para registro do desenvolvimento e dos resultados. Com isso, o professor teve uma devolutiva do desenvolvimento dos estudantes na atividade proposta.

O professor também considera na avaliação a participação dos alunos nas atividades em sala de aula, identificando assim, quais são as fragilidades individuais para auxiliar com vistas ao alcance dos objetivos propostos.

Assim, é possível inferir que o professor concebe a avaliação como método, mas sem restringir ao uso de instrumentos e procedimentos. De acordo com Morales (1998), não basta pensar na avaliação só como método de comprovação, mas pensá-la como método didático, de forma que se possa usufruir de procedimentos e instrumentos diversos para promover as aprendizagens, condicionando *o que* e *como* o aluno estuda e consolidar o que foi aprendido por ele. Ou seja, o professor tem de ser capaz de julgar a qualidade de sua produção e de regular o que está fazendo, pois, o aluno tende a ter a concepção de qualidade similar à do professor. (VILLAS BOAS, 2008)

O professor declara utilizar diferentes procedimentos e instrumentos avaliativos, o que dá maiores oportunidades aos estudantes de evidenciarem seus desempenhos e caracteriza a avaliação formativa. Autores como Villas Boas (2008), Freitas (1995) e Morales (1998) chamam a atenção para a avaliação entendida como uma limitante chamada: prova, ou seja, não são considerados outros procedimentos e instrumentos que possam oferecer maiores oportunidades de aprendizagens para todos os estudantes. Dessa forma a prova é mais um no conjunto de instrumentos utilizados pelo professor em sala de aula.

Foi ainda questionado ao professor sobre o que ele faz com os resultados que são obtidos dos procedimentos e instrumentos avaliativos. Ele respondeu que busca perceber se houve:

[..] avanço em determinado conteúdo, **se eles alcançaram aquele objetivo** que foi definido, caso não tenham alcançado eu volto, **eu mudo o meu plano**,

se for o caso eu passo novamente o conteúdo abordando uma outra maneira para que eles possam alcançar [...]. (Professor 5º ano) [Grifos da pesquisadora]

A forma como o professor usa as informações e resultados obtidos da aplicação de procedimentos e instrumentos de avaliação, demonstra compreensão da sua relevância para reorganizar o trabalho pedagógico e para ajudar os estudantes a identificarem o que precisam aprender. Assim, a avaliação é usada a serviço das aprendizagens. (VILLAS BOAS, 2017)

A avaliação e a autoavaliação refletem também na relação professor-aluno (FREITAS et al., 2014), como foi possível apreender da fala do professor, ao afirmar que a relação que tem com os estudantes facilita o processo de avaliação de suas práticas dentro de sala de aula e explica como acontece essa autoavaliação:

[...], eu entrego para eles uma ficha de autoavaliação, então eles se avaliam, avaliam os pais, avaliam a turma, avaliam a direção e o professor, então nesse instrumento, eu faço um questionário para eles, e coloco as carinhas de triste, feliz, mais ou menos triste. (Professor 5º ano) [Grifos da pesquisadora]

Freitas et al (2014) afirma que é preciso incorporar o aluno a um novo processo de produção de conhecimento e de avaliação para que ele se sinta incluído. Esse processo de avaliação vivenciado pelos estudantes que faz com que eles se sintam incluídos e compreendam que o professor não é o único responsável por avaliar todos os processos didático-pedagógicos.

Os processos autoavaliativos bem acompanhados e orientados podem colaborar para as aprendizagens e formação integral dos sujeitos. Os estudantes vão se libertando da necessidade de receber feedbacks externos e fortalece a autonomia e autocrítica (VILLAS BOAS, 2017).

Importante destacar que ao ser perguntado sobre o planejamento da avaliação, o professor respondeu:

Antes de fazer uma atividade, passar um trabalho em grupo eu já organizo tudo que vou passar. Por exemplo, eles vão fazer um seminário, então eu já entrego ao grupo o que eu quero para o seminário, como que esse seminário deve acontecer, qual material eles devem produzir, a forma que eles vão ter que me entregar esse material sistematizado. (Professor 5º ano)

Avaliação tem suas intencionalidades, ou seja, o para quê avaliar, o como avaliar e o com quem avaliar. Vasconcelos (2005) indica dois critérios dessa intencionalidade: avaliar para classificar e excluir; e avaliar para intervir e mudar. Avaliar para classificar significa que o professor fará uso dos resultados, preocupado com notação e ou com respostas que precisa dar à escola, à família; enquanto avaliar para intervir e mudar, requer do professor uma preocupação

com o processo contínuo de aprendizagem do aluno e com a reorganização do seu trabalho para atender às necessidades dos estudantes. Assim foi possível perceber que as práticas promovem autonomia dos estudantes.

Por fim, perguntamos ao professor sobre as dificuldades que encontra ao avaliar os estudantes.

[...]. Os alunos estão muito presos à questão da nota, então tudo que eles precisam fazer, porque eu avalio tudo que eles fazem, então tudo é "professor está valendo nota"? [...] (Professor 5º ano)

Mesmo sem a exigência de notação até o 5º ano do EF no sistema público de ensino do DF, os estudantes cobram a nota em trabalhos, atividades e provas, isso ocorre possivelmente porque a avaliação é entendida como medida para classificar e mensurar, com a finalidade de apresentar um resultado final, a nota. Esse entendimento está presente em todo o sistema escolar e é característica da forma de organização escolar seriada que utiliza a avaliação como valor de troca, em que a aprendizagem assume um valor secundário.

O professor não faz uso de notas, mas os alunos ainda questionam sobre a notação. São utilizados conceitos como: bom, ótimo e precisa melhorar. Sabendo que a preocupação dos estudantes com as notas nas avaliações é evidente. Supõe-se que o professor faz do uso de conceitos, para evitar e até mesmo tentar desconstruir essa interpretação de mensurar, de notar e medir como limitantes dos procedimentos avaliativos. Além de que, as Diretrizes de Avaliação (2014b) e o Regimento Escolar da SEEDF (DISTRITO FEDERAL, 2015) não recomenda atribuição de notas até o quinto ano do Ensino Fundamental.

3.3 As práticas avaliativas observadas em sala de aula

Em uma das aulas observadas foi possível acompanhar a correção coletiva de prova bimestral, realizada anteriormente. O professor explicou o desempenho da turma em cada questão e apresentou informações sobre as dificuldades dos estudantes por ele registradas. Essa prática sugere que o professor usa as informações da prova para gerar *feedback*, pois dá retorno ao aluno, explicitando e analisando o seu desenvolvimento na atividade avaliativa exigida. (VILLAS BOAS, 2008)

Observou-se nas aulas um momento de leitura coletiva, constituído como atividade de correção do dever de casa onde cada aluno fragmentou o texto para a leitura em voz alta. Essa

situação pode ser característica de uma avaliação oral, na qual o professor está analisou as dificuldades, os progressos e os retrocessos dos alunos em relação a leitura e avaliou a oralidade dos alunos frente aos outros. Nesse caso, a leitura em voz alta foi compreendida pelos alunos como um procedimento não avaliativo, ou seja, os alunos não apresentaram resistência para sua realização. Sendo assim, houve naturalidade na exposição, fornecendo ao professor dados mais precisos e coesos acerca da aprendizagem da língua, como por exemplo: o efeito que a pontuação produz na construção de sentidos e a interpretação do texto lido. É possível identificar a avaliação informal neste momento, ela complementa a avaliação formal, não necessariamente negativa, mas pode ser uma grande valia no processo avaliativo (VILLAS BOAS, 2017).

Em um outro momento, também de observação, o professor utilizou o recurso do livro didático, uma ferramenta significativa no ensino e na aprendizagem, tanto do aluno quanto do professor. No entanto, essa ferramenta amparada somente na exposição dos conteúdos para os estudantes pode ser limitada, ou seja, o professor vai buscar avaliar os alunos de acordo com o que foi apresentado no livro, mas a insegurança do conhecimento além do mesmo pode ser questionada.

Foi questionado ao professor, durante as observações, como é o processo de elaboração da prova integrada, utilizada para avaliar os estudantes ao final do bimestre. A prova é construída de forma coletiva com outros professores do 5º ano e eles sempre entregam aos alunos uma sistematização dos conteúdos (Apêndice C) que serão cobrados na prova, assuntos que são trabalhados ao longo do bimestre, com diferentes atividades.

No entanto, pode-se deduzir que a elaboração da Prova Integrada coletivamente não particulariza as necessidades das turmas. Cada professor trabalha de uma forma, cada turma assume suas características de aprendizagens distintas, pois o professor sabe o que cobrar e como os seus estudantes podem representar os seus conhecimentos por meio dessa avaliação. Com isso, essa avaliação está preocupada em avaliar as aprendizagens dos estudantes ao final do bimestre, com o acúmulo de conteúdos estudados e integrados. Mas também, pode-se compreender que as práticas observadas, relacionadas à explicação dos conteúdos em sala de aula, não objetivam a integralização e interdisciplinaridade destes como preparação para essa avaliação. Pois os conteúdos e os exercícios são estudados separadamente.

Foi observado ainda que, antes da Prova Brasil, a escola organizou um dia para simular esta avaliação. Eles elaboraram um simulado (Apêndice B) com questões cobradas nas avaliações anteriores e prepararam todo o ambiente para este momento. Foi solicitado aos alunos que deixassem apenas o lápis e a borracha sobre as carteiras, que estavam organizadas

em fileiras. Eles receberam as orientações de como aconteceria o simulado: questões dissertativas, gabarito ao final da prova e como registrar as respostas.

O professor explicou que o simulado era um diagnóstico para ele e para os alunos, e que ajudaria a ter experiência e noção de como é fazer a Prova Brasil. Foi possível observar que houve uma interferência dessa avaliação no planejamento do professor e da instituição. Como destacado pelo professor, suas práticas não colaboram para o tradicionalismo em sala de aula, como o exigido pela avaliação, entretanto, há certa interferência a ponto de levá-lo a ter que “preparar” os alunos para o teste.

As concepções e práticas do professor participante sinalizam aspectos orientados pela perspectiva formativa de avaliação, conforme as Diretrizes de Avaliação Educacional da SEDF (DISTRITO FEDERAL, 2014b). Algo que chama a atenção é o fato de o professor não utilizar um único procedimento ou instrumento para avaliar, e sim usá-los com flexibilidade para diagnosticar as aprendizagens dos estudantes. Essas práticas se articulam com o PPP da escola, que apresenta essas possibilidades para a avaliação de sala de aula, favorecendo um trabalho que atenda às necessidades do sujeito que aprende, ensina e questiona. Anuncia ainda que a escola articula as avaliações externas à avaliação de sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou analisar as concepções e práticas avaliativas de um docente do 5º ano do EF de uma escola pública do Distrito Federal, por meio de pesquisa realizada no âmbito do PROIC e ampliada para o Trabalho Final de Curso. A análise dos dados possibilitou compreender como a avaliação praticada pelo professor dessa etapa da educação básica pode ser usada de forma a contribuir para a formação do estudante e a serviço de suas aprendizagens. Assim, a avaliação praticada como processo diagnóstico, formativo, gera *feedback* ao professor ao orientá-lo na elaboração dos objetivos de ensino para o alcance de resultados pretendidos na atividade docente (MORALES, 1998) e também para os estudantes em suas trajetórias escolares.

Há sinalizações de que as práticas avaliativas do professor se orientam para a promoção das aprendizagens dos alunos. Para isso, ele realiza um trabalho didático-pedagógico pautado pela valorização das experiências, saberes e culturas do sujeito em formação, possibilitando a ele a reflexão sobre o seu desempenho escolar, comparando-o a ele mesmo no processo de ensino-aprendizagem. Foi possível compreender ainda o uso qualificado da prova, com a correção coletiva em sala, comentários e registros dos desempenhos individuais dos alunos, sem restringir-se à classificação e notação dos estudantes do EF 1.

As mudanças políticas, econômicas, sociais e educacionais influenciam a educação e o trabalho do professor, como pode-se acompanhar a partir das políticas de avaliações externas que impactam o trabalho docente e as práticas avaliativas, determinando, muitas vezes, os direcionamentos do trabalho pedagógico. Nesse sentido, a realização de pesquisas sobre avaliação educacional é necessária, principalmente no atual contexto de mudanças e demandas externas ao trabalho docente. Esta pesquisa contribuiu para ampliar a minha visão como futura professora da Educação Básica em formação na universidade. Com a certeza de que a discussão da avaliação não esgota em um trabalho de curso, pretendo dar continuidade ao estudo da avaliação educacional em processos de formação continuada.

O estudo demonstrou as possibilidades de se praticar a avaliação, considerando as aprendizagens dos estudantes como um processo intencional e formativo. Mas também se subentende que muitas práticas ainda precisam buscar fundamentos teóricos, estudos para a explicação de como a avaliação impacta nos índices de evasão escolar e repetência na Educação Básica.

Observar as aulas, entrevistar o professor e realizar a análise documental contribuiu para o entendimento da relação da concepção e prática avaliativa do professor, elas estão interligadas e são complementares, pois, não teria sentido compreender apenas o que o professor entende de avaliação se não articular com sua prática cotidiana em sala de aula, fundamentada em documentos da rede institucional e estadual de Educação do Distrito Federal.

REFERÊNCIAS

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em movimento da Educação Básica**. SEEDF, Brasília-DF, 2018. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica-2/>>. Acesso em: 16 de junho. 2019.

_____. **Diretrizes de avaliação educacional: aprendizagem, institucional e em larga escala**. SEDF. Brasília- DF, 2014b.

_____. **Diretrizes Pedagógicas para Organização Escolar do 2º Ciclo para as Aprendizagens: BIA e 2º Bloco**. SEDF. Brasília – DF, 2014a.

_____. **Regimento escolar da rede pública de ensino do Distrito Federal**. Brasília – DF, 2015.

_____. **Censo escolar taxa de aprovação, reprovação e abandono fundamental 2017**. SEDF, 2018. Disponível em: < http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/iii_c_-taxa-de-aprova%C3%A7%C3%A3o-reprova%C3%A7%C3%A3o-e-abandono-fundamental-2017_df.pdf >. Acesso em: 11 de dezembro. 2019

FREITAS, L. C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas S P: Papyrus, 1995.

FREITAS, L. C. et al. **Avaliação Educacional: caminhando na contramão**. 7º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

HOFFMANN, J. **Avaliação: Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista**, 12 ed. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

_____. **O Jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 14. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E. P. U., 1986.

MORALES, P. S. J. **Avaliação Escolar, o que é, e como se faz**. 1998, Universidad Rafael Landívar, Vincerrectoría Académica y Programa de Fortalecimiento Académico de las Sedes Regionales – PROSFASP.

PERRENOUD, P. **Avaliação: Da Excelência à regulamentação das aprendizagens – Entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PPP – ESCOLA JABUTI. SEDF. Brasília – DF, 2017.

VASCONCELOS, C. S. **Avaliação da aprendizagem:** práticas de mudança por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 2005.

VILLAS BOAS, B. M de F. **Virando a escola do avesso por meio da avaliação.** Campinas, SP: Papyrus, 2008.

VILLAS BOAS, B. M de F (org.). **Avaliação:** interações com o trabalho pedagógico. Campinas, SP: Papyrus, 2017.

ACREDITAR QUE É POSSIVEL

A vida nos surpreende muito, e nessas surpresas vivenciar uma trajetória acadêmica na Universidade de Brasília foi um tanto desafiante. O primeiro passo que foi dado ao entrar neste espaço foi em direção ao caminho de descobertas. Questionava-me sempre: O que eu quero descobrir nesse universo diverso, que é a faculdade? Dúvidas sobre o que fazer, o que eu quero ser, quem eu sou? De onde eu vim?

E nessa trajetória de quatro anos, me descobri, me conheci e acreditei que tudo só dependia de mim. O que concretizou essas certezas foi chegar até aqui, onde compartilho meus conhecimentos e saberes, não só de educação, mas de vida. A formação docente me fez refletir e conceituar a profissão de PROFESSOR: é SER educador. É ir além do que te espera, é encontrar uma porta estreita e não ter medo de não conseguir entrar, é tentar diversas vezes, mesmo não dando certo naquela tentativa, mas saber que o seu momento vai chegar, e chegou!

Digo que não foi só cursar todas as disciplinas do currículo do curso que me contemplaram como PEDAGOGA, mas tudo que vivenciei neste percurso me constituiu como uma PROFESSORA, que carrega em si uma história de luta, de garra e persistência para mudar o que precisa ser mudado, e aperfeiçoar o que já se tem de bom.

DIFERENÇA é a palavra que define a minha história. Ser diferente exige coragem e competência. As coisas que me fizeram ser diferente foram as coisas que me ensinaram a ser EU.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

ROTEIRO DE ENTREVISTA – SEMIESTRUTURADA

Título da pesquisa: Avaliação de sala de aula: Concepções e práticas de um professor do ensino fundamental

Pesquisador (a): AMANDA TAYNE LIMA DIAS **Matrícula:** 16/0001366

Objetivo: Analisar as concepções e práticas avaliativas de um docente do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal.

1. O que é avaliar para você?
2. Quais instrumentos e procedimentos mais utilizados para avaliar seus estudantes?
3. Como planeja e como são organizados esses instrumentos e procedimentos?
4. O que você faz com os resultados que são gerados pelos instrumentos?
5. Quais dificuldades você enfrenta para avaliar?
6. Os estudantes avaliam seu trabalho? Como?

APÊNDICE B –Instrumentos de Avaliação do docente pesquisado


1. Simulado da prova Brasil – Matemática (frente)

Escola: _____
Prof: _____
Nome: _____

SIMULADO 3 – Matemática
5º Ano – Ensino Fundamental

01 (A) (B) (C) (D)
 02 (A) (B) (C) (D)
 03 (A) (B) (C) (D)
 04 (A) (B) (C) (D)
 05 (A) (B) (C) (D)
 06 (A) (B) (C) (D)
 07 (A) (B) (C) (D)
 08 (A) (B) (C) (D)
 09 (A) (B) (C) (D)
 10 (A) (B) (C) (D)
 11 (A) (B) (C) (D)


1- **D6** _____
 (Portal MEC). Todos os objetos estão cheios de água.



Qual deles pode conter exatamente 1 litro de água?

(A) A caneca
 (B) A jarra
 (C) O garrafão
 (D) O tambor

2- **D23** _____
 (Portal MEC). Vera comprou para sua filha os materiais escolares abaixo. Quanto ela gastou?



Mochila com rodinhas
R\$ 23,90

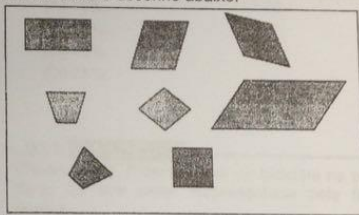
Lancheira térmica Aladin personagem sert.
R\$ 8,90

(A) R\$ 22,80
 (B) R\$ 31,80

3- **D19** _____
 (Portal MEC). Um fazendeiro tinha 285 bois. Comprou mais 176 bois e depois vendeu 85 deles. Quantos bois esse fazendeiro tem agora?

(A) 266
 (B) 376
 (C) 476
 (D) 486

4- **D3** _____
 (Portal MEC). Mariana colocou diferentes figuras numa página de seu caderno de Matemática, como mostra o desenho abaixo.



Essas figuras têm em comum

(A) o mesmo tamanho.
 (B) o mesmo número de lados.
 (C) a forma de quadrado.
 (D) a forma de retângulo.

5- **D20** _____
 (Portal MEC). Uma merendeira preparou 558 pães que foram distribuídos igualmente em 18 cestas. Quantos pães foram colocados em cada cesta?

(A) 31
 (B) 310
 (C) 554
 (D) 783

6- **D8** _____
 (Portal MEC). Uma bióloga que estuda as características gerais dos seres vivos, passou um

2. Simulado da prova Brasil – Matemática (verso)

SIMULADO 3 – Matemática
5º Ano – Ensino Fundamental

período observando baleias em alto-mar: de 5 de julho a 5 de dezembro. Baseando-se na sequência dos meses do ano, quantos meses a bióloga ficou em alto-mar estudando o comportamento das baleias?

(A) 2 meses.
(B) 3 meses.
(C) 5 meses.
(D) 6 meses.

Que ponto a aluna deve marcar para acertar a tarefa pedida?

(A) A
(B) B
(C) C
(D) D

10. **D21** (Portal MEC). Pedro adubou $\frac{3}{4}$ de sua horta. A parte da horta adubada por Pedro corresponde a:

(A) 10%.
(B) 30%.
(C) 40%.
(D) 75%.

11. **D11** (Portal MEC). Ricardo anda de bicicleta na praça perto de sua casa. Representada pela figura abaixo.

Se ele der a volta completa na praça, andará:

(A) 160 m.
(B) 100 m.
(C) 80 m.
(D) 60 m.

12. **D13** (Portal MEC). No ábaco abaixo, Cristina representou um número:

Qual foi o número representado por Cristina?

(A) 1.314
(B) 4.131
(C) 10.314
(D) 41.301

13. **D14** (Portal MEC). Uma professora da 4ª série pediu que uma aluna marcasse numa linha do tempo o ano de 1940.

2

3. Termo de conteúdo da Atividade Avaliativa

Conteúdo da Atividade Avaliativa Interdisciplinar – 3º bimestre

Data de aplicação: **29/09/17 (Sexta-feira)**

Geografia

- Geografia física do Brasil: clima, relevo, hidrografia e vegetação.

Ciências (Livro de ciências da página (6 a 64))

- Estrutura do corpo humano: células, tecido, órgãos, sistemas e organismo;
- O corpo humano e seus sistemas: (digestório, respiratório, circulatório, urinário, nervoso e reprodutor).

História

- Viver no Brasil Colônia (Unidade 1);
- Corrida do ouro (Unidade 2).

Português

- Pontuação;
- Acentuação;
- Ortografia: uso do "s";
- Compreensão textual;
- Reestruturação textual;
- Gêneros textuais: Fábulas, poesia, contos, receitas, jornal, história em quadrinho.

Matemática

- Múltiplos e divisores (Capítulo 5): múltiplos comuns, divisores comuns, regras de divisibilidade, números primos.
- Frações (Capítulo 7): Frações próprias, impróprias, aparentes e equivalentes (p. 148 a 150); Números mistos (p. 151). Simplificação de frações (p.159 a 160). Adição e subtração de fração com denominadores iguais (p.165).
- Números decimais (Capítulo 8)
- Situações problemas envolvendo: sistema monetário; 4 operações básicas; frações e números decimais.

Eu, _____ responsável por _____
_____ declaro estar ciente da data da Atividade
Avaliativa do 3º Bimestre, bem como dos conteúdos a serem abordados.

Assinatura

APÊNDICEC – Questionário Perfil do docente pesquisado
QUESTIONÁRIO PERFIL DOCENTE

Instituição/Escola: AAB/CEILÂNDIA

Data: 24 /09/2017

Pesquisador (a): AMANDA TAYNE LIMA DIAS _____

I- IDENTIFICAÇÃO

- 1.1- Nome: Chico
- 1.2- Função atual: Professor
- 1.3- Regime de trabalho:
- (x) Integral
- () Parcial
- () Horista
- 1.4- Tempo de serviço na atual escola: menos de um ano (11 meses)
- 1.5- Tempo de regência no 5º ANO: menos de um ano (11 meses)
- 1.6- Sexo:
- (x) Masculino
- () Feminino
- 1.7- Idade: 33 anos
- 1.8- Cidade de origem: Brasília
- 1.9- U.F.: DF
- 1.10- País: Brasil

II-FORMAÇÃO ACADÊMICA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

- 2.1- Graduação:
- () público
- (x) privado
- a) Curso: Pedagogia
- b) Localidade: Universidade Católica de Brasília
- c) U.F.: DF
- d) País: Brasil
- e) Modalidade
- () Licenciatura Curta
- (x) Licenciatura Plena

() Bacharelado

() Outro: _____

2.2- Pós-graduação (assinale no quadro abaixo, indicando o ano de conclusão)

Instituição Titulação	NATUREZA ADMINISTRATIVA				
	Pública		Privada		
	Federal	Estadual	Particular	Confessional	Comunitária
Especialização		X	X		
Mestrado					
Doutorado					

2.3- Assinale há quantos anos você é professor na Educação Básica:

() de 1 a 3 anos

() de 25 a 35 anos

(x) de 4 a 6 anos

() de 35 a 40 anos

() de 7 a 25 anos

2.4- Além da atividade docente, você realiza outras atividades remuneradas relacionadas a sua profissão?

(x) Não

() Sim

Qual (ais)? _____

Quantas horas semanais você dedica a essa (s) atividade (s)? _____

2.5- No momento, aproximadamente com **quantos alunos** você trabalha?

A turma é composta por 32 estudantes, sendo 12 meninas e 20 meninos.

2.6 - Assinale as alternativas que mais se aproximam de suas aspirações profissionais para os próximos cinco anos:

(x) Permanecer na função atual

() Permanecer na mesma função em outra instituição

() Ocupar cargos de GESTÃO

☒ Investir na formação continuada

☐ Dedicar-se a outra profissão

☐ Aposentar-se

☐ Outras aspirações. Quais? _____

III- PAPEL DO PROFESSOR E SUA FORMAÇÃO

3.1- Selecione, dentre as opções abaixo, as três que mais contribuem para o seu desenvolvimento profissional:

☒ Cursos presenciais

☐ Cursos a distância

☒ Experiências de trabalho

☒ Intercâmbio com colegas de trabalho

☐ Cursos de pós-graduação

☐ Eventos da área

☐ Leitura por conta própria

☐ Internet

☐ Outros/especifique: _____

QUESTIONÁRIO docentes_27 out 2017

